

Os dispersos, de Janette Fishenfeld: a tradição judaica em revista¹

Janette Fishenfeld's *Os dispersos* (*The dispersed*): Jewish tradition in review

Filipe Amaral Rocha de Menezes*

Resumo: A cultura judaica é baseada em fortes tradições familiares, predominantemente religiosas, que, somada ao caráter gregário de sua fé, como o sempre necessário *minyan*, ou quórum mínimo de dez homens para as celebrações e cultos, conseguiu manter os grupos unidos em meio a diversas culturas. As necessidades do culto e o grande poder exercido pela tradição promoveram certa coesão de grupo, entretanto, elementos oriundos das culturas em contato, de certa forma, influenciaram as minorias judias, acrescentando novos elementos ou alterando as suas práticas diárias. A coletânea de contos *Os dispersos*, da escritora carioca Janette Fishenfeld, enfoca esses contatos e os conflitos criados por eles: um casal que percebe a impossibilidade de ficarem juntos pela tradição; o velho Zeide, o avô, interno de um asilo que relembra o passado no momento que se dirige ao *brit-milá* do bisneto, em meio a família completamente assimilada – essas e outras situações em que as tradições judaicas entram em conflito em face das novas possibilidades de vida no Brasil, sua cultura, suas necessidades de adaptação para sobrevivência. Este artigo pretende, assim, apresentar como esta escritora recria, em seu texto, a aculturação, a assimilação e os conflitos com a tradição judaica.

Palavras-chave: Assimilação. Cultura. Tradição. Imigração. Judaísmo.

Abstract: The Jewish culture is based in strong familiar traditions, most of them religious, which added to the gregarious character of their faith, as the always necessary *minyan* of ten men for the celebration and worship, it has succeeded keep united their groups in the middle of different cultures. All the needs of the Jewish worship and the wide power of the tradition have created certain cohesion of group, however, elements originated of the cultures in contact somewhat have influenced the Jewish minorities, adding new elements or changing some of their daily practices. The book *Os dispersos*, a collection of seven short stories, from the Brazilian writer Janette Fishenfeld, focuses these contacts and the conflicts created by them: a couple that understand that it is impossible to be together, separated by the tradition; the old Zeide, the grandpa, inmate of a home for old people, that remembers the past, in the moment that he goes to the *brit-milah* of his great-grandson, among his assimilated family – those and other situations in which the Jewish traditions crash against the new life possibilities in Brazil and among the Brazilian culture, and their needs of adaptation for survive. This article intends to present how this writer recreates in her text all this situations of acculturation, assimilation and the conflicts with the Jewish tradition.

Keywords: Assimilation. Culture. Tradition. Immigration. Judaism.

Há uma menorá na ilustração de capa do livro *Os dispersos*,² de Janette Fishenfeld, um dos principais e mais difundidos símbolos do judaísmo. Retirado de uma pintura de David Libeskind, de 1967, a imagem solitária desse candelabro em associação ao seu título, propõe ao leitor uma pergunta: seriam os judeus esses dispersos, diaspóricos? Essa pergunta pode ser respondida após a leitura dessa coletânea de sete contos, na qual várias facetas da cultura judaica são apresentadas, assim como as sete lâmpadas da menorá, que se acendem para iluminar as celebrações e os dias festivos, jogando luz sobre os diversos temas abordados de maneira complexa nos contos, perfazendo um pequeno panorama.

Os dispersos foi publicado em 1966, pela WIZO do Brasil. As duas orelhas do livro oferecem o pouco que se sabe sobre a escritora e a sua história. Segundo Myriam Rozansky, que assina a primeira orelha, a autora teria sido ativa participante dessa associação filantrópica feminina na cidade de Niterói, desde 1961 e a partir de 1965. Fishenfeld teria iniciado o seu trabalho literário em contribuições à revista *Aonde vamos?* com contos e poemas. Na outra orelha, na apresentação feita por Eliza Lispector, *Os dispersos* é apresentado como uma “excelente estreia literária.” As qualidades do livro são reafirmadas, pela sua “dignidade e o seu sentido profundamente humano”, e Lispector conclui que são “contos particularizados, espelhando uma realidade especificamente judaica, porque dizem de um povo singularizado o sofrimento de um solitário e incompreendido caminhar.”³

Essa singularidade judaica, que é somada às inter-relações culturais que esse grupo precisou estabelecer com a população brasileira, seria o principal tema dos contos. Nessas relações, muitas delas difíceis, de aculturação e de assimilação, os personagens se debatem entre os conflitos gerados por esses fenômenos sociológicos, ao mesmo tempo em que se deixam influenciar pela cultura local e buscam se firmar na sua tradição religiosa e familiar.

Segundo Regina Igel em *Imigrantes judeus, escritores brasileiros*,⁴ há uma importante diferença entre aculturação e assimilação, sendo que a primeira, “dá-se como resultado de um processo de ‘aquisição e troca’ de elementos culturais recíprocos, preservando-se as personalidades próprias, embora modificadas, de cada uma das partes envolvidas”,⁵ e a segunda, seria “um processo pelo qual o indivíduo ou grupo perde sua identidade ao entroncar-se com outro grupo.”⁶

A cultura judaica é baseada em fortes tradições familiares, predominantemente religiosas, que, somados ao caráter gregário de sua fé, como o sempre necessário *minyan*, ou quórum mínimo de dez homens para as celebrações e cultos, conseguiu manter os grupos unidos em meio a diversas culturas. As necessidades do culto e o grande poder exercido pela tradição promoveram certa coesão de grupo, entretanto, elementos oriundos das culturas em contato, de certa forma, influenciaram as minorias judias, acrescentando novos elementos ou alterando as suas práticas diárias. Dificilmente os grupos judaicos sofreram apenas um dos fenômenos de enfrentamento com culturas diversas, mas seus membros o fizeram, em muitos casos, individualmente. Além disso, os próprios avanços da modernidade contribuíram para o acirramento nesses processos, aumentando o abismo entre gerações e obrigando as pessoas a reverem comportamentos há muito já estabelecidos. Neste artigo, dois contos da coletânea serão analisados para demonstrar essas relações culturais e a saída adotada pelas personagens, tentando equilibrar entre a tradição e a assimilação.

Dois jovens que tentam encetar um relacionamento no conto que empresta seu nome ao livro, “Os dispersos” refletem um pouco desse novo formato da comunidade judaica. A voz narrativa do jovem rapaz, que descreve os fatos, vê com pessimismo essas atitudes progressistas – esse adjetivo, “progressista” era como se denominavam os judeus da comunidade que haviam abandonado a prática religiosa, que mesmo as solenidades festivas como Rosh-Hashaná ou Yom Kipur, “foram abolidas de seus hábitos”.⁷

As relações entre os membros dos dois grupos, os progressistas e os religiosos, que mantinham, como podiam, as leis e regras impostas pela Torá, não eram das melhores, como no trecho no qual o pai do narrador se referia aos outros como “inimigos de Israel”. Esse comportamento expressa uma reação à assimilação do outro grupo, entendido como a perda de uma referencialidade cultural – seria uma espécie de reação de defesa, tentando de alguma forma manter o “assimilado”, o “traidor de Israel”, distante.⁸

A personagem principal não era um típico exemplo de religioso, entretanto, procurava estar junto com sua família ao frequentar a sinagoga. Sua religiosidade se resumia a admirar e observar o pai em oração, mesmo não tendo muita certeza sobre os significados disso: “Trazia

nas mãos o livro de orações, que folheava vigorosamente. Com voz grave e sonora, entoava os cânticos sagrados num ritmo tão rápido que eu mal podia segui-lo. Não compreendia as orações, nem meu pai achara jamais necessário explicar-me seu sentido. Também nunca lhe perguntei.”⁹

O narrador parece ter plena consciência de sua religiosidade um tanto vazia e imatura e, ao observar Ruth e sua família, expressava seus temores: “Que fé era essa que nos permitia aquietar nossa consciência deixando portas entreabertas na enganosa tentativa de iludir a Deus? Não éramos ateus, e desprezávamos os progressistas, embora uma tênue linha marcasse o limite entre nossa contrição e a indiferença deles.”¹⁰ Assim, o seu fluxo de pensamento ao analisar todas essas situações de precariedade tendenciava ao entendimento entre os dois grupos, entretanto, externamente, para o outro grupo era necessário ressaltar as diferenças.

Estabelece-se uma relação entre os dois dispersos. Uma moça que tenta seguir uma carreira na Escola de Belas Artes, de família assimilada à cultura brasileira, nada religiosa, mas com certo saudosismo de um tempo que não mais voltará do avô religioso e da vivência na sinagoga. Um jovem moço da comunidade, filho de uma respeitável e tradicional família, mas em crise com a religião, os costumes, a tradição. Muitas reflexões sobre o que vem a ser judeu ou não estavam pautadas em seus diálogos e indagações, como no momento em que o rapaz encontra com o pai de Ruth, o odiado e desprezível homem que teria destruído a paz e a fé da moça com seu ceticismo, mas então, depara-se com uma situação inesperada:

Mas quando o fitei percebi, com um choque, que não era um inimigo. Eu conhecia bem aqueles ombros curvos, os sofridos olhos ocultos sob as espessas sobranceiras, o nariz caracteristicamente arqueado – como eu os conhecia! Um velho judeu que regressava para casa ao anoitecer. [...] A voz com que nos saudou era também uma velha voz judia, de arrastadas inflexões; eu a ouvira, em coro, entoando preces...¹¹

O rapaz é surpreendido pela aparência do velho. Como um patriarca, de grossas sobranceiras e o conhecido e caricato nariz adunco, como dos outros anciãos da sinagoga. A aparência o convence de certo “judaísmo” do velho. Noutro momento, durante uma discussão com Ruth, outras questões relativas a essa caracterização do que vem a ser ou não um judeu são colocadas em voga. Esse seria o ápice do conto, em que o argumento de Ruth é apresentado sobre as cinzas dos mortos na Shoá:

– Que pensa seu pai da existência de Deus? – indaguei hostil.
– Diz que é um mito – recitou corajosamente. – Que os homens O forjaram à sua própria imagem e semelhança, ampliando n’Ele virtudes e defeitos.
– E ele é um judeu... – murmurei, mas Ruth ouviu-me. Uma centelha lampejou em suas pupilas.
– Que é um judeu? Alguém que jejua no Yom Kipur e come matzá no Pessach?
– Não, Ruth...
– Somos tão judeus quanto vocês. Contudo, a ética e a história judaicas são nossa propriedade, não de Deus. De amargas penas forjamos nossa experiência, para que possamos ainda acreditar na ajuda divina. Vocês choram a perda os seis milhões mortos no holocausto. Nós, também. Sempre que o homem é injustiçado reconhecemos a inexistência de um Deus, e lamentamos nossa irremediável solidão.¹²

Ruth desabafa e reclama o seu direito também sobre a história e a tradição judaica, de uma maneira própria e afastada da religião. Ela se percebe como pertencente a essa longa corrente

humana desde Abraão e, como os outros, lamenta a morte desses milhões, sentindo-se irremediavelmente só – sentimento que permeia várias outras cabeças e fez muitos apostatarem a fé após a experiência limite e catastrófica da Shoá.

No outro conto, o embate entre a tradição e a modernidade, manter um ritual ancestral e renová-lo para de alguma forma fazê-lo sobreviver estão em “A eterna aliança”.¹³ A trama, dividida em cinco partes, se desenvolve em torno da cerimônia de *brit-milá* de um membro da quarta geração de uma família de imigrantes. O texto inicia-se com o velho bisavô, o *zeide*, vovô, em ídiche, como é chamado pela família, interno de um asilo e toda a sua agitação por conta do evento.

Na primeira parte, o velho emociona-se, relembra velhas memórias como o *brit-milá* de seu filho ainda na antiga terra. Ele se sente um feliz patriarca, como é reproduzido em seu fluxo de pensamento: “um patriarca, é claro. Hoje será entregue de meu sangue pela terceira vez para o sagrado pacto, Deus seja louvado.”¹⁴ Fica atento a detalhes da cerimônia, lembra-se do velho *mohel*, Moishe, responsável pelo procedimento da circuncisão e procura sua garrafa de vinho *kasher*, preparado especialmente para o *kidush*.

Em seguida, o neto, pai do bebê da cerimônia, vai buscar o ancião no asilo. Mais outras lembranças afloram nos fluxos de pensamento das personagens e são dispostas para o leitor poder criar o seu próprio panorama das difíceis relações entre as tradições e a vida contemporânea. O jovem pai relembra as conversas no seio da família, à época da internação do bisavô:

A família, convocada para opinar, havia-se mostrado indignada com a ideia. ‘Asilo é para indigente!’ Mas o pai fora categórico: ‘Na minha casa não pode continuar. Quer tudo *kasher*, reclama, não pretendo me amolar mais. Quem está disposto a ficar com ele?’ De uma maneira ou de outra, todos se haviam recusado, concordando em que não parecia existir outra solução. Simplesmente não havia lugar para o Zeide.¹⁵

Em outras palavras, não havia mais lugar para tradições e costumes como os do *zeide*, mesmo considerando-se a dificuldade em conviver-se com um idoso, num sentido mais amplo, o avô era ainda mais um peso por considerar a importância da *kashrut*, as leis alimentares do judaísmo ainda mais complicadas sob um viés ocidental e brasileiro. Entretanto, mesmo isolado da família, o velho não se abate e saltita de alegria, sentindo-se muito feliz pela ocasião.

Nem mesmo outra notícia abate o ancião, mas de certa forma o faz ficar mais alerta. No carro, fica sabendo que o velho Moishe, o antigo *mohel* da comunidade não será chamado à cerimônia, mas sim um médico, ao que o neto justifica-se: “Ora... é mais moderno... científico... afinal, trata-se de uma operação.”¹⁶ Em seu silêncio contemplativo, enquanto vão para a casa do neto, o *zeide* tenta entender o que aconteceu:

Então já não será o Moishe. Sua mão treme, não mais o querem. Há doutores, agora. Jovens, modernos, com brilhantes diplomas e distintas maneiras; doutores como os do Asilo, amáveis e distantes. Nenhum será um *mohel* como o Moishe, capaz de compreender e partilhar. “Venha ver – ele disse para minha nora – venha ver, não estou maltratando seu filho, mas fazendo dele um judeu!”¹⁷

São lembranças de um tempo que se foi, de uma época passada, numa busca por um reconforto, um consolo, a tentativa de compreender essas novidades. Ao que o velho responde ao neto: “A aliança será reafirmada – É o que importa.” Mesmo sendo de forma diferente, incompreensível ao velho, ele se resigna pelo o que considera maior, mais importante: a reafirmação da Aliança. Entretanto, o ancião se esquece dos avanços indesejáveis da modernidade e se alegra sobremaneira quando fica sabendo do nome do bisneto Bóris, traduzido para o hebraico pelo

velho por Baruch, o abençoado, também nome do pai do Zeide. O jovem pai, cético, em seu íntimo lamenta ainda mais as tradições, pois se vê obrigado a dar um nome antigo ao filho, obrigado por seu pai, considerando que não há mais espaço para isso: “(...) acabaram os guetos, quando acabaram os santos, os mitos. Meu filho será apenas Bóris. Os homens precisam ser duros, agora. [...] Não são tempos de sabedoria e bondade, mas tempos de força,”¹⁸ resigna-se o jovem pai, cético.

Durante a cerimônia, as mágoas e as marcas do passado surgem em meio às bênçãos silenciosas feitas pelos três homens da mesma linhagem. O *zeide* inebriado de emoção, dança com o bebê no colo, num grotesco bailado, murmurando uma ininteligível canção, e em seu pensamento, lembrava ao bisneto: “E tu és Baruch, meu descendente e meu ancestral, passado e presente que trago para o pacto, como me foi ordenado... Bendito sejas, Baruch, sangue do meu sangue...”¹⁹ O ritual que envolve alguns passos, todos cumpridos a risca e fiscalizados pelo *zeide*, é descrito e entremeado pelas silenciosas bênçãos do bisavô, do avô e do pai.

O pai deseja para o filho os ensinamentos para abrir todas as algemas, destruir todos os liames e obter a liberdade desejada por ele e jamais alcançada. O avô deseja ao neto jamais provar das humilhações, misérias e sonhos impossíveis que provou, para enfim poder legá-lo dignidade. O *zeide*, o bisavô, deseja nada mais que bondade e sabedoria ao novo Baruch, repetindo os passos de seu pai, um sábio rabino. Três bênçãos, três momentos de vida, três visões das relações entre o ser judeu, sua tradição, sua herança cultural, assim, Fishenfeld conclui o seu livro com a esperança que de alguma forma a continuidade do povo judeu se dará, mas lembrando que para isso, é necessário manter os laços com o passado para a sobrevivência no futuro. É o mesmo que o velho *zeide* afirma, ou seja, a Aliança será reafirmada, é o que importa.

Os judeus dispersos são o enfoque nesse livro de Fishenfeld, assim como nos dois contos analisados neste artigo. A questão principal que perpassa essas narrativas é a estratégia de sobrevivência com que esses dispersos se relacionam com as outras culturas. Nos contos “Os dispersos” e “A eterna aliança”, essas novas relações que surgem mediante o enfrentamento da milenar cultura judaica e a emergente cultura brasileira são desenhadas com espírito crítico, entretanto, com certo olhar de confiança. Confiança num futuro em que, mais uma vez, apesar das dificuldades, a cultura judaica continuará a florescer, se mantendo viva e dinâmica.

* **Filipe Amaral Rocha de Menezes** é Mestre em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.

Notas

¹ Originariamente, este artigo foi apresentado no III Colóquio Mulheres em Letras, de 05 a 07 de maio de 2011, na mesa “Imagens da opressão na literatura de autoria feminina”.

² FISHENFELD, Janette. *Os dispersos*. Rio de Janeiro: WIZO do Brasil, 1966.

³ LISPECTOR, Eliza. Contracapa. In: FISHENFELD, 1966.

⁴ IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

⁵ IGEL, 1997, p. 130.

⁶ IGEL, 1997, p. 130.

⁷ FISHENFELD, 1966, p. 12.

⁸ IGEL, 1997, p. 130.

⁹ FISHENFELD, 1966, p. 16.

¹⁰ FISHENFELD, 1966, p. 17.

¹¹ FISHENFELD, 1966, p. 25.

¹² FISHENFELD, 1966, p. 23.

¹³ FISHENFELD, 1966, p. 118.

¹⁴ FISHENFELD, 1966, p. 123.

¹⁵ FISHENFELD, 1966, p. 126.

¹⁶ FISHENFELD, 1966, p. 129.

¹⁷ FISHENFELD, 1966, p. 129.

¹⁸ FISHENFELD, 1966, p. 130.

¹⁹ FISHENFELD, 1966, p. 136.

Referências

FISHENFELD, Janette. *Os dispersos*. Rio de Janeiro: WIZO do Brasil, 1966.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica: das Tábuas da Lei à mesa da cozinha*. Porto Alegre: L&PM, 1985.